

**MEMÓRIAS DO MUNDO METÁLICO NA AMAZÔNIA:  
ESPACIALIDADE E SOCIABILIDADE NA REORGANIZAÇÃO DO  
HEAVY METAL EM BELÉM DO PARÁ (1993-1996)<sup>1</sup>**

Bernard Arthur Silva da Silva

Mestre em História Social da Amazônia (PPGHIST-UFPA)

barthursilva@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo busca explicar por quê e como o mundo artístico e circuito *underground* paraense de *Heavy Metal* e as ações dos *headbangers* locais, depois do 3º *Rock 24 Horas*, entre 1993 e 1996, passaram a entrar em processo de transição, acompanhado de declínio, dispersão e espraiamento, pela cidade de Belém. Almeja também, esclarecer de que forma ficaram definidas, as características da memória e identidade dos *headbangers* na capital paraense, durante o pós-3º *Rock 24 Horas*. Debateremos sobre a disposição espacial da cultura *Heavy Metal* e seus produtores (os *headbangers*) na urbe belenense e os fluxos de suas movimentações. Jornais, entrevistas e estatísticas registraram tais ações e foram usadas para fazer essa discussão.

Palavras-Chave: Circuito. Mundo Artístico. Sociabilidade Metálica.

**Abstract:** This paper seeks to explain why and how the paraense art world and *underground* circuit of *Heavy Metal* and the actions of local *headbangers*, after the 3rd *Rock 24 Hours*, between 1993 and 1996, began to enter the transition process, accompanied by declining dispersion and spreading, through the city of Bethlehem. It aims also, to clarify how the aspects of the headbangers memory and identity, were defined, in state capital, during the post-3rd *Rock 24 Hours*. We will discuss about the spatial arrangement of *Heavy Metal* culture and its producers (the *headbangers*) in belenense metropolis and the flows of their operations. Newspapers, interviews and statistics recorded such actions and these shares were used to make this discussion.

Keywords: Circuit. Art World. Metallic Sociability.

Artigo recebido em 30/10/2015 e aprovado em 10/01/2016

<sup>1</sup> Este artigo apresenta algumas conclusões do 1º Capítulo da minha Dissertação de Mestrado, defendida no dia 5 de dezembro de 2014, na Universidade Federal do Pará, intitulada “*Mundo Metálico Belenense e Política Cultural: Declínio e Reorganização Do Heavy Metal Paraense (1993-1996)*”. Tanto a construção deste artigo, quanto a produção da Dissertação foram orientadas pelo Prof. Dr. Antônio Maurício Dias da Costa, da Universidade Federal do Pará. Agradeço por todas as suas sugestões.

### **A Problemática Na Relação Cidade de Belém e o *Heavy Metal* Paraense.**

Segundo Maria Stella Bresciani, as análises sobre a cidade têm como ponto de partida a Revolução Industrial, ocorrida na Inglaterra, a partir da segunda metade do século XVIII. Estudiosos, escritores, engenheiros, arquitetos e médicos problematizaram os aspectos da “cidade moderna e/ou industrial”, forjada no mundo das máquinas e dentro do intenso processo de urbanização, tão peculiar à aquele momento (BRESCIANI, 2002: 19).

Ter direito à cidade “assume o caráter positivo de reivindicação legítima de indivíduos que vivem num conjunto cada vez mais socializado”. Tais “ações dos atores sociais, são registradas, assim como, sua presença dramatizada em espetáculo”. Ela é, por sua vez, um “espaço produtor de cultura” e revela-se enquanto “espaço politizado”. Nesse ínterim, esses indícios das ações humanas na urbe, “tornam-se memórias arquiteturais” e “elementos estruturantes do meio urbano” (BRESCIANI, 2002: 29-32).

A capital paraense, Belém, localizada no extremo Norte do país, na Amazônia, insere-se nesse rol de elementos característicos de uma cidade. E, como tal, ao longo da sua História, destacou-se por sua produção cultural ímpar. Em particular, no ramo artístico, o *Heavy Metal* foi uma das manifestações musicais que se entranhou nas construções da cidade, desde a metade dos anos 70, transitando pelos 80 e culminando em 1993 (SILVA, 2010)<sup>2</sup>, ao

---

<sup>2</sup> A origem do *Heavy Metal* paraense remonta à segunda metade dos anos 1970 e início da década de 1980 e está intimamente ligada ao surgimento da banda *Stress*. Ela é considerada como a primeira representante brasileira do gênero musical *Heavy Metal* e a primeira desse estilo musical a ter gravado um álbum de repercussão e divulgação nacional: “*Stress*”, de 1982. Mas em escala local, neste mesmo período, outra banda de *Heavy Metal* se destacou juntamente com o *Stress*: a banda *Apocalypse*. A *Stress*, depois do lançamento do seu primeiro álbum no dia 13 de novembro de 1982, no Estádio de Futebol Leônidas Castro (pertencente ao Paysandu *Sport Club*), embarcou para se estabelecer na região Centro-Sul do Brasil e consolidar uma importante carreira musical. A banda conseguiu dar um passo importante ao gravar o seu segundo álbum denominado “Flor Atômica”, assinar um contrato com uma gravadora nacional Polygram e lançar o álbum em escala nacional (maio de 1985) e local (18 de agosto de 1985). Este último aconteceu no Ginásio da Escola Superior de Educação Física do Pará, localizado no Bairro do Marco, e foi um show completamente lotado. Além disso, o *Stress* estava no epicentro de acontecimentos importantes para o *Heavy Metal* brasileiro, como o *Rock In Rio I*, realizado na capital fluminense em janeiro de 1985. Este evento consagrou no país grande nomes do *Heavy Metal* mundial, tais como: *Iron Maiden*, *Ozzy Osbourne*, *Whitesnake*, *AC/DC* e *Scorpions*. Entretanto, devido às mudanças no mercado fonográfico, problemas na gravação do álbum e desorganização na sua distribuição nacional, a banda presenciou a diminuição dos seus shows e a cada vez maior preferência do público por outras bandas brasileiras de *rock* que faziam um som mais “leve”. Com isso, a banda acabou encerrando suas atividades no ano de 1987. A banda *Stress* iniciou o movimento roqueiro paraense, além de ter sido pioneira no *Heavy Metal*. No contexto do pós-*Rock In Rio I*, em Belém do Pará, várias bandas surgiram e começaram a fortalecer o *Heavy Metal* local, a partir de eventos diversos, shows e pontos de encontro, que reuniam *headbangers* vindos da periferia da cidade. Isso tudo aconteceu de forma tão forte e intensa que quando chegaram os anos 1990, o *Heavy Metal* já havia chegado aos espaços centrais da cidade. Bandas como *Morfeus*, *Black Mass*, *Retaliatory*, *DNA*, *Endless*, *Dr. Stein*, *Jolly Joker*, *Profanus* e *Satanic Ritual* se apresentavam e quebravam recordes de público no Teatro

agraciar os sujeitos dessa empreitada histórica, com o Festival *Rock 24 Horas* (SILVA, 2010: 631-740).<sup>3</sup>

Para os propósitos desse texto, torna-se imprescindível, buscar questionar a relação do *Heavy Metal* local com a cidade de Belém, ao longo do tempo, em especial entre os anos de 1993 e 1996.

Aqui lançamos mão dos conceitos de “mundo artístico” de Howard S. Becker (2010:54), “circuito” de José Guilherme Cantor Magnani (2007:21), das “dimensões sonora, visual e verbal” junto às “práticas sociais” de Deena Weinstein citada por Victor Vasconcellos (2012:60) e, finalmente, a noção de “*underground*”, também de Weinstein (2000:183-184) e Leonardo Carbonieri Campoy (2008:73-74).<sup>4</sup> Eles visam a uma exposição clara da cena

---

Experimental Waldemar Henrique (TEWH), o espaço central mais requisitado para shows de *rock* naquele momento. Da mesma forma, a Praça da República se consolidou como ponto aglomerador de *headbangers* e roqueiros em geral. O ápice dessa produção musical ocorreu durante os anos de 1990 e 1993, com o Projeto *Rock Na Praça 24 Horas no Ar* realizado entre os anos de 1992 e 1993, em três edições, com 24 horas corridas das mais diversas vertentes do *rock*, sendo que a predominante era o *Heavy Metal*, com maior número de bandas. Tanto para estes eventos como para a cena musical local, os registros fonográficos dessas bandas foram significativos naquele momento, com gravações de *demo-tapes* e mesmo discos em vinil.

<sup>3</sup> O Projeto “*Rock Na Praça 24 Horas No Ar*” foi uma realização da direção do Teatro Experimental Waldemar Henrique com apoio da Secretaria Estadual de Cultura (SECULT). Ele aconteceu em três edições, entre os anos de 1992 e 1993, quando se apresentaram em 24 horas corridas, sem nenhuma interrupção, as mais diversas vertentes do *rock* paraense. As duas primeiras tomaram corpo na Praça da República (Av. Presidente Vargas entre Rua Oswaldo Cruz e Avenida da Paz, bairro Campina) e a terceira aconteceu na antiga Praça Kennedy (atual Praça Waldemar Henrique, na Av. Assis de Vasconcelos esquina com a Av. Marechal Hermes, bairro Reduto). A 1ª edição ocorreu entre os dias 4 e 5 de abril de 1992. A 2ª edição ocorreu entre os dias 28 e 29 de novembro de 1992 e a 3ª e última ocorreu entre os dias 24 e 25 de abril de 1993. Ao longo das três edições do Projeto “*Rock Na Praça 24 Horas No Ar*”, as bandas locais de *Heavy Metal* dominaram a escalação do festival. 7 na primeira e segunda edições e 6 na terceira e última.

<sup>4</sup> Aqui, acreditamos que, o “mundo artístico” dever ser entendido, como uma integração de pessoas, que tomam atitudes e, participam de atividades imprescindíveis à geração de obras, consideradas por integrantes desse mundo, serem arte. Um “mundo artístico” composto por “cooperação frequente” e “constante”, “repetitivas relações pessoais”, materializado em uma “rede estabelecida de cadeias cooperativas que ligam os participantes entre si”, sempre se reportando aos “esquemas convencionais incorporados em práticas comuns e nos artefactos de uso mais frequente”. As atenções do “circuito” estão voltadas para uso de espaços urbanos, por parte dos integrantes do mundo artístico e, partir disso, praticarem e moldarem sua sociabilidade. A cultura do *Heavy Metal* é percebida a partir de “três dimensões: sonora, visual e verbal”. Com suas “práticas sociais”, o universo da cultura do *Heavy Metal* torna-se completo. A sonoridade do *Heavy Metal* é conjugada pelo “*Rock*, o *Blues* e a música psicodélica”, além da música clássica. O poder e o vocal definem essa sonoridade. O poder se expressa, pelo “alto volume, sensação de força e energia”. Tal expressão é “conseguida via guitarra, contra-baixo, bateria e voz”. O “vocal agudo” e o “vocal grave” são “característicos do *Heavy Metal* tradicional e *Thrash Metal*”, respectivamente. A dimensão visual é composta por “tipo de roupa, acessórios, capas de álbuns e logotipos de bandas”. No visual *headbanger*, “a cor preta domina”. A dimensão verbal do *Heavy Metal* é “a comunicação via palavras (escritas e cantadas)”, passando pelo “nome das bandas às letras, passando pelos títulos dos álbuns, palavras e frases” que “expressam significados que estão associados às outras duas dimensões”. Os “temas dionisíacos (desmesura, celebração dos prazeres, hedonismo)” e os “temas caóticos (destruição, conflitos, guerras, horror, violência, morte, satanismo, monstros, torturas, rebeliões)” são os eixos temáticos das letras de músicas de *Heavy Metal*. As práticas sociais dos *headbangers* são o *headbanging* (“bater cabeça, chacoalhando-a junto com os cabelos longos, durante um show de *Heavy Metal*”), *air guitar* (“empunhar uma guitarra imaginária num show de *Heavy Metal*”), *air drum* (“tocar uma bateria imaginária durante um show de *Heavy Metal*”), *stagediving* (“pular de cima do palco durante um show de *Heavy Metal*”), *moshpit* (“uma roda enorme

*Heavy Metal* paraense, dos *headbangers* (sociabilidade e identidade), seu transitar formador de sua espacialidade na capital e as memórias deles em torno de territórios intimamente ligados à cultura do *Heavy Metal* local.

### **Espacialidade e Fluxos De *Headbangers* Na Reorganização Do *Heavy Metal* Paraense**

O comportamento das bandas locais de *Heavy Metal*, no que diz respeito a rearticulação das manifestações das suas produções (*shows*) na cidade de Belém, logo após os anos que se seguiram ao 3º *Rock 24 Horas* (1993, 1994, 1995 e 1996), foi de continuidade na construção e lançamento de suas *demo-tapes* e álbuns em formato de discos de vinil, além, é óbvio, de suas apresentações para o público *headbanger* paraense. Suas ações voltadas para uma iniciativa em busca da paz para a imagem do *Rock* em geral, inclusive o *Heavy Metal*, foram muito sentidas em qualquer evento de “música pesada” (SILVA, 2014:77).

Todavia, existiram descontinuidades, enfrentamentos e negociações ligadas à busca por espaço, que estava sendo feita pelo *Heavy Metal*, na capital paraense. Com os desdobramentos do 3º *Rock 24 Horas*, ele acabou se transformando, partindo de Leonardo I. G. Faria (2006: 37), no “fator que possibilitou o início de uma política cultural de exclusão do *rock* na cidade, associando-o à violência”, fazendo com que, o local principal de *shows* utilizado pelas bandas de *Heavy Metal*, TEWH, via nova diretoria, reduzisse a frequência deles em seu recinto.

Outros locais que pertenciam ao circuito metálico local, do período 1990-1993, como TEWH, o Circo do Centur (na área que compreendia a Praça do Artista que, por sua vez, estava dentro da estrutura da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves), Teatro Margarida Schiwazzappa, Teatro Líbero Luxardo, Teatro Estadual São Cristóvão, Teatro do Complexo do Mercado de São Bráz e a Praça da República, tiveram os *shows* de *Rock* e *Heavy Metal* cancelados pela Secretaria Estadual de Cultura (SECULT), representada, à época, por Guilherme De La Penha.

E, a partir dali a SECULT, de acordo com o secretário, somente apoiaria “os *shows* no teatro Waldemar Henrique e do projeto Clima de Som, realizado às quintas-feiras no cine-

---

que se abre no meio do público, movimentada em círculo pelos próprios *headbangers*, nela muitos acabam praticando golpes, através de chutes, pontapés e socos, de maneira não intencional, sem estarem brigando, como uma forma de extravasar a raiva e a inconformidade”) e o símbolo do *Metal* (“com a mão esticada para cima, em formato de chifres e os dedos mínimo e indicador levantados, isso acabou se tornando uma forma de saudação dentro do meio dos *headbangers*”).

teatro Líbero Luxardo, no Centro Cultural Tancredo Neves (Centur)<sup>5</sup>, provocando em consequência, o encerramento desses mesmos eventos nos demais pontos.

Todos eles estavam localizados em bairros centrais de Belém como Campina, São Braz, Nazaré e Batista Campos. Isso indicava o movimento do *Heavy Metal* local saindo de um circuito composto por áreas periféricas e, em grande parte privadas, entre 1986-1989, para localidades centrais e públicas de Belém, durante os quatro anos iniciais da década de 90 (SILVA, 2014: 105-106). O *Heavy Metal* paraense estava no centro da cidade, estabelecido e consolidado, quando o 3º *Rock 24 Horas*, teve seu desfecho desfavorável.

1993-1996, o recorte que podemos denominar de pós-3º *Rock 24 Horas*, marcou o aparecimento de outra espacialidade do circuito metálico em Belém. Uma que chegou a abarcar outros distritos e municípios integrantes e, até não integrantes, da Região Metropolitana da capital (RMB) (SILVA, 2014: 114-115).

Essa nova cartografia do *Heavy Metal* paraense foi composta por: Drinks Club no bairro Distrito Industrial em Ananindeua e Boate Dinossauros no bairro Decouville em Marituba. Praça Matriz de Icoaraci e Exotic's Bar no Distrito de Icoaraci. Bar Olê-Olá, Parque dos Igarapés, Bar Domquichopp e Boate Escápole, ficavam ao longo da Av. Augusto Montenegro, situados nos bairros Marambaia, Satélite e Parque Verde, respectivamente. Vadião (UFPA), Bar Moustache, Boate Rhino's, Bar Go Fish, Ginásio da Tuna, Boate Insãnu, Teatro do Mercado Municipal de São Braz, TEWH, Boate Spectron, situados nos bairros Universitário, Jurunas, Nazaré, Campina, Souza, Umarizal e São Braz (SILVA, 2014: 115).

Como essa nova geografia do mundo e circuito metálicos paraenses tiveram efeitos sobre a sociabilidade e identidade *headbangers* locais? E, quais foram as modificações trazidas pelo circuito metálico 1993-1996, para os fluxos internos de *headbangers* paraenses e, lugares de encontro e espaços de shows?

O sentido atribuído ao 3º *Rock 24 Horas* pelos *headbangers* locais, em relação às consequências que ele provocou para o cenário *underground* metálico paraense, tem diversas faces.

Enquanto que, para uns, a imagem do *Heavy Metal* ficou ligada à violência por parte da imprensa local e munícipes fora do meio *headbanger*, diminuição do número de bandas, proporção menor de eventos, frequência reduzida de *shows* de *Heavy Metal* no TEWH, caída

---

<sup>5</sup> Jornal O Liberal, 26/04/1993, 1º Caderno, p. 14. Belém – PA.

de público nos *shows* de *Heavy Metal*, fechamento de espaços para a prática do *Heavy Metal*, a perda de qualidade musical da “música pesada” local e quase um “fim” desse gênero musical na capital paraense. Outros colocam que, esse foi um momento de “amadurecimento”, “maior organização” e “domínio” maior sobre as ações do movimento *headbanger* (SILVA, 2014: 84).

Mauro “Gordo” Seabra, à aquela altura, respectivamente, baterista das bandas locais de *Thrash Metal* (JÚNIOR, 2004:26-27)<sup>6</sup> e *Heavy Metal* tradicional<sup>7</sup> *Dr. Stein* e *DNA*, afirmou que “prejudicou bastante a cena”, ela “ficou praticamente morta durante aí, uns cinco anos”, com “eventos bem menores” e o “nº de bandas diminuiu bastante”. E, as “bandas ‘empolgadas’”, na visão do baterista, que “fazia bandinha só pra aparecer”, esse “pessoal aí, se afastou”.<sup>8</sup>

E, a partir daí “começa uma certa decadência da qualidade das bandas”, em função de gêneros musicais novos, recém-chegados em Belém, como o *Grunge*, estilo que passou a se tornar muito popular entre jovens músicos que estavam montando bandas de *Rock*. Essa “gente nova, não gostava de *Heavy Metal*”. As “bandas de *Metal*, elas ficaram restritas a poucas bandas aqui, em Belém”. Os “espaços se fecharam”, depois do 3º *Rock 24 Horas*.<sup>9</sup>

Marlos Pereira, então guitarrista da banda de *Thrash Metal* *Morfeus*, corroborou com Mauro “Gordo” Seabra, alertando para a “‘queimação de filme’ absurda” que foi o 3º *Rock 24 Horas* e a violência presente nele, para os apreciadores do *Heavy Metal*. Devido à visão produzida pela mídia em relação aos *headbangers*, afirmando terem sido eles os responsáveis, logo, “os roqueiros quebraram tudo”. Os “metaleiros, vândalos, quebraram” a estrutura do festival, impedindo a realização de sua terceira edição. E, o público dos *shows* de *Heavy Metal*, que cada vez mais estava crescendo, diminuiu drasticamente, tais quais, os espaços que “se fecharam por completo e totalmente”.<sup>10</sup>

---

<sup>6</sup> Uma ramificação do *Heavy Metal*, que tem as seguintes características básicas: uso de bumbo duplo, passagens aceleradas de bateria, guitarras muito distorcidas, timbragens de guitarra muito pesadas, baixos com muita distorção e vocais gritados e “rasgados”. As temáticas das letras de suas músicas giram em torno da violência urbana, hecatombe nuclear, política, anti-cristianismo e homenagens ao próprio estilo. Seus principais representantes são: *Exodus*, *Metallica*, *Megadeth*, *Anthrax* e *Slayer*.

<sup>7</sup> Denominação dada às bandas que seguiam os parâmetros musicais da *New Wave Of British Heavy Metal*, movimento liderado por *Iron Maiden*, *Judas Priest*, *Saxon*, *Motörhead*, *Angel Witch* e *Diamond Head*, bandas que se baseavam em *riffs* velozes, andamentos rápidos de bateria e baixo, vocais agudos, além de temáticas caóticas, jaquetas de couro negras, calças *jeans* azul ou de couro negras recheadas de *patches* (pequenos pedaços de pano, costurados com os logotipos das bandas), cabelos longos e a execução das práticas sociais já citadas.

<sup>8</sup> Entrevista concedida por Mauro “Gordo” Seabra a SILVA, Bernard Arthur Silva da, no dia 11 de maio de 2009.

<sup>9</sup> Idem.

<sup>10</sup> Entrevista concedida por Marlos Pereira a SILVA, Bernard Arthur Silva da, no dia 28 de março de 2009

Defensores de uma visão mais otimista, acerca do que foi gerado pelo 3º *Rock 24 Horas* para a disposição espacial do *Heavy Metal* na RMB, Joelcio Graim e Luciano Arakaty, ambos guitarristas das bandas de *Heavy Metal Tradicional* e *Death/Thrash Metal*<sup>11</sup> *Mitra* e *Retaliatory*, expuseram seus olhares sobre o assunto.

Segundo eles, a “questão de espaço, fechou um pouco”, porém, “isso não foi culpa da direção do 24 Horas”. O que aconteceu foi, na verdade, uma “falta de planejamento” da organização do evento e, isso levou ao fim precoce do 3º *Rock 24 Horas*. Não foi algo intencional.<sup>12</sup>

Além disso, o “WH começou a fechar as portas”<sup>13</sup> devido à quebra de banheiros e situações de depredações nos camarins, que já vinham acontecendo desde o início dos anos 90, quando as pautas do teatro passaram a serem dominadas pelas bandas de *Rock* e *Heavy Metal*.

Por conseguinte, “Márcia Freitas, entrou como administradora do teatro e começou a impor moral com relação a isso”, substituindo Fernando Rassy, o diretor que incentivou a presença roqueira no local e, um dos principais idealizadores e realizadores do Festival *Rock 24 Horas*.<sup>14</sup>

Desse modo, as pautas que eram realizadas todos os dias da semana, passaram para os fins de semana, contendo duas bandas por show apenas. Por fim, “as bandas que eram acostumadas a tocar todo final de semana, tipo *Jolly Joker*, *Morfeus*, começaram a ser barradas desse tipo de coisa. O cara só tinha espaço pra tocar uma vez por mês. Ou, uma vez a cada dois meses”. As bandas “tiveram que amadurecer, a correr atrás dos espaços”.<sup>15</sup>

Até o 3º *Rock 24 Horas*, o circuito metálico local 1990-1993, pode ser caracterizado como “convergente - concentrado” e, era esse tipo que predominava em Belém, naquela oportunidade (SILVA, 2014: 105; VASCONCELLOS, 2012:17).

Nesse sentido, esse circuito gerava fluxos (movimentações dos *headbangers*) que, convergiam para o espaço de sociabilidade e ali permaneciam concentrados durante todo o

---

<sup>11</sup> Uma ramificação do *Heavy Metal*, que expõe uma mistura entre o *Thrash Metal* e o *Death Metal*, valorizando vocais guturais, gritados e “rasgados”, com baixo e guitarras muito distorcidas e andamentos muito acelerados e bateria via bumbo duplo. As temáticas das letras de suas músicas, giram em torno de guerra, violência urbana, morte, anti-cristianismo e comportamento humano. Algumas bandas como a brasileira *Sepultura* e a norte-americana *Dark Angel* praticaram esse subgênero musical.

<sup>12</sup> Entrevista concedida por Luciano Arakaty a SILVA, Bernard Arthur Silva da, no dia 23 de agosto de 2009.

<sup>13</sup> Entrevista concedida por Joelcio Graim a SILVA, Bernard Arthur Silva da, nos dias 23 de março e 27 de maio de 2012.

<sup>14</sup> *Idem*.

<sup>15</sup> *Ibidem*.

período de reunião do grupo, normalmente em noites do final de semana (a Praça da República e o TEWH). Durante a madrugada ou pela manhã esses fluxos retornavam aos seus locais de origem. Esse tipo de movimento também ocorria quando o encontro era realizado em lugares secundários, ou seja, em espaços que não apresentavam tanta centralidade para o grupo e por isso recebiam fluxos menores, menos periódicos e normalmente de áreas mais próximas (da Praça da República para outros espaços, nos quais eram realizados *shows* de *Heavy Metal*, espaços esses já citados anteriormente) (SILVA, 2014: 105-106; VASCONCELLOS, 2012:17).

Era claro que, nesse ínterim, a Praça da República e o TEWH, eram os lugares centrais para a sociabilidade metálica dos *headbangers* paraenses.

Estavam longe de serem os únicos, visto que, a interação social desses sujeitos, também partia dessas áreas, para acontecer em *shows* de *Heavy Metal*, tomados em outras paragens, como Teatro Municipal do Mercado de São Braz, Teatro Estadual São Cristóvão e Circo do Centur.

A centralidade mencionada se devia a três fatores: área de influência e nível de deslocamento empreendido pelas pessoas para chegar até eles (médias de 500 até mais, assistiam aos *shows* de *Heavy Metal* no TEWH, sendo que multidões aproximadas de mil pessoas ficavam do lado de fora porque não havia mais espaço suficiente), número de pessoas que se deslocam e frequentam esses lugares (não somente *headbangers* dos mais diversos bairros da RMB (Jurunas, Cremação, Guamá, Fátima, Marco, Pedreira, Marambaia e Coqueiro) se direcionavam para a Praça da República e TEWH, como também outros vindos de distritos e municípios integrantes e não integrantes da RMB, mas ao mesmo tempo, próximos e distantes da capital (bairros Distrito Industrial e Cidade Nova no município de Ananindeua e, bairro Decouville no município de Marituba, os municípios distantes de Bragança e Castanhal, além dos distritos de Icoaraci e Outeiro). e periodicidade de ocupação dos espaços pelos *headbangers* (como os *shows* aconteciam durante todos os dias da semana, em muitas situações, *headbangers* amanheciam conversando e bebendo bebidas com altos teores de álcool e preços baixos (cachaça e vodka), na Praça da República depois do fim dos eventos no TEWH, logo em seguida, caminhavam para as paradas de ônibus localizadas na Avenidas Nazaré, Pres. Vargas e Assis de Vasconcelos, próximas à praça, para apanharem suas conduções) (MACHADO, 2004: 207-208, 214-215, 222; SILVA, 2010: 590; VASCONCELLOS, 2012:16).

Após o 3º *Rock 24 Horas*, o caráter dessa geografia do *Heavy Metal* local, se transformou consideravelmente. É sobre essas transformações e o novo circuito metálico produzido por elas que, Joelcio Graim, Mauro “Gordo” Seabra, Marlos Pereira e Luciano Arakaty teceram seus comentários.

O circuito do *Heavy Metal* paraense, entre os anos de 1993 e 1996, foi traduzido como “convergente-disperso”. Nele, a Praça da República, ainda era um “espaço para onde convergem os fluxos em um momento”, mas “ao mesmo tempo é o espaço onde se originam novos fluxos que se dirigem para outros lugares”. Esse “lugar-central recebe e concentra essa movimentação e, depois, há outros fluxos divergentes originados ali mesmo e que se dirigem para lugares mais secundários” (SILVA, 2014: 114-115; VASCONCELLOS, 2012: 18).

Tais lugares eram bem distantes do centro da cidade (no qual estavam a Praça da República e TEWH, os principais espaços agregadores de *headbangers*), de difícil acesso em função das poucas alternativas de transporte público e, pouco frequentados pela grande maioria dos *headbangers* por falta de identidade com as áreas periféricas e alta periculosidade reforçada via ações de gangues de rua. Por esses motivos, percebe-se uma perda significativa e, não um desaparecimento completo, da centralidade e importância para a sociabilidade metálica paraense, da Praça da República e TEWH (SILVA, 2014: 116-117).

Por sua vez, o evento (3º *Rock 24 Horas*) provocou uma política cultural estadual diminuída e menos atuante, nos *shows* metálicos que ocorriam em espaços públicos do centro da cidade, dentre eles, o TEWH, como mais recorrente (SILVA, 2014: 113).

Por um lado, entre os próprios *headbangers* paraenses, continuou o controle quase que exclusivo sobre todo o processo de produção, divulgação e realização de eventos musicais ligados ao *Heavy Metal*, na capital paraense (SILVA, 2014:119, 123-125, 127-128).<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> Em Belém, nesse momento, muitos *headbangers* constituidores das plateias dos *shows* das bandas *Morfeus*, *DNA*, *Black Mass*, *Retaliatory*, *Jolly Joker*, *Endless*, *Satanic Ritual*, *Profanus* e dentre outras, formaram e iniciaram produtoras especializadas em promover eventos de *Heavy Metal*. Ná Figueredo produções, *Metal Rose* produções e Pandora produções, são alguns exemplos importantes. Também existiram iniciativas individuais e, até em duplas, de *headbangers* locais interessados em fazer o circuito *underground* do mundo metálico paraense, não parar de se movimentar, visto a perda de um espaço público que servia de local de *shows* de *Heavy Metal*, o TEWH. Na Metal Rose produções, Zel Castelo e Mira Rose, suas criadoras, eram duas *headbangers*, frequentadoras da atmosfera de *shows* de *Heavy Metal*, do início dos anos 90, no TEWH. A Pandora produções teve a figura de Ricardo Ricartiano, outro *headbanger*, membro do público, que se fazia presente nos *shows* metálicos dos espaços ligados ao circuito 1990-1993. E, por fim, Ná Figueredo, um maranhense, especialista em artesanato e confecções de camisetas com as mais variadas pinturas (serigrafia), além de apreciador do Rock e cena roqueira local, passou a frequentar a Praça da República e a UFPA, para expor seus produtos, na sua grande maioria camisetas de bandas de *Rock* e *Heavy Metal*. Começou a apoiar as bandas de *Heavy Metal* produzindo para elas camisetas, calças de moletom, bonés, bótons e *patches*, participou das três edições do *Rock 24 Horas* com uma banca contendo suas camisetas e, logo depois do fim do festival, criou a Ná Figueredo Produções, iniciou eventos de *Heavy Metal* no TEWH com o Projeto *Rock N' Rola*, em parceria com a SECULT e direção

Todavia, existiu ao mesmo tempo, o interesse comercial e mercantil que, começou a imperar nesses *shows*. Porque os *shows*, a partir daquele momento, passaram a se concretizar em espaços privados, onde os donos estabeleciam seus próprios critérios sobre o uso do espaço, a lotação e a divisão dos lucros conseguidos com a venda de ingressos. Junto a isso, veio o aparecimento de produtoras de eventos de *Heavy Metal* lideradas por praticantes e, não praticantes, da “música pesada” local (SILVA, 2014: 113).

Com a perda gradativa do domínio de pautas no TEWH, em função das consequências oriundas do desfecho do 3º *Rock 24 Horas*, ligadas à mudanças de direção do teatro, ruptura na política cultural estadual representada pelo novo posicionamento da SECULT em relação aos eventos de *Rock*, término de programas de rádio importantes para o *Heavy Metal* (programa “Peso Pesado” na Rádio Belém FM), encerramento das atividades de colunas culturais especializadas em música que davam abertura às notícias sobre o mundo *underground* paraense de *Heavy Metal* (Colunas Dial 97 e ZAP, de Dom Floriano e Edyr Augusto Proença, nos jornais O Liberal e A Província do Pará, respectivamente), influenciaram muito nas modificações dos *shows* de *Heavy Metal* e espaços nos quais eles ocorriam (SILVA, 2014: 113).

A imagem preconcebida dos roqueiros em geral, aliada à violência, pintada na mídia impressa local, encorpou ainda mais essas alterações. O circuito *underground* do *Heavy Metal* paraense, que tinha o *show* como espinha dorsal na comunicação e apresentação da cultura da “música pesada” local, passou, em grande parte, para mãos privadas, mas mãos dos *headbangers* e, também, dos não adeptos (SILVA, 2014: 113).

Sendo sua ocorrência, a partir daquele instante, cravada em grande parte em locais privados, longe do centro da cidade e sem dar aos *headbangers* do mundo *underground* paraense de *Heavy Metal* incentivo para sua coesão grupal, onde acabavam frequentando logradouros aliados às sonoridades *pop*, como *Axé Music*, *Brega*, *Pagode* e *Reggae* (SILVA, 2014: 113).

Entre 1993 (a partir do mês de maio, o início do pós-3º *Rock 24 Horas*) e 1994, os *shows* de *Heavy Metal*, pontos de encontro, locais de eventos e as relações sociais entre os *headbangers*, haviam começado a sentir essa transição.

---

do teatro. Passado esse projeto, a produtora cresceu, começou a trazer bandas de *Heavy Metal* com renomes nacionais e internacionais como *Viper* (SP) e *Dorsal Atlântica* (RJ) e abriu uma loja que, a princípio, se caracterizou como um “*Rock Shop*”, especializada em tudo que dizia respeito ao *Rock*, em especial ao *Heavy Metal*. Tempos depois, já no começo dos anos 2000, esse direcionamento, mudou significativamente.

Em 1993, foram noticiados 5 *shows* de *Heavy Metal*, somente no TEWH e, aos finais de semana, mais especificamente, no domingo, contendo, no mínimo uma banda e, máximo de duas. A nova linha de ação da gestão do teatro queria um *show* de *Heavy Metal* por mês e, de preferência, no sábado ou no domingo. Desses 5, somente três aconteceram no mesmo mês: os das bandas *Retaliatory*, *Jolly Joker* e *Morfeus*, nas mesmas duas semanas do meio do mês de dezembro de 1993. E, ainda, nesse momento, os *shows*, eram produzidos, divulgados e realizados somente pelas próprias bandas e *headbangers* próximos que atuavam como seus “produtores” (SILVA, 2010:84-98, 143-233, 356-548).<sup>17</sup>

Os jornais locais O Liberal e Diário do Pará, através de seus cadernos culturais (Cadernos Dia-a-Dia e D, respectivamente), registraram a dinâmica das bandas no teatro.

Algumas das notícias de 1993 foram as seguintes: “*Deuzwyth* – A banda de *draThrash Metal* (ritmo mais rápido do que o *thrash*) se apresenta hoje, às 20 horas, no Teatro Waldemar Henrique”<sup>18</sup>, “*DNA* lança *demo-tape* no Waldemar Henrique”<sup>19</sup>, “*Jolly Jocker*, *metal* pesado. Se você também quer experimentar esta química vá ao teatro Waldemar Henrique neste sábado, às 20 horas, e aprenda de uma vez por todas o que é *rock'n'roll*”<sup>20</sup>, “‘*Retaliatory*’ mostra seu *rock*. A banda *Retaliatory* faz, hoje, um dos últimos *shows* de *rock* do ano. ‘*Sinking in pain*’ será apresentado logo mais, às 21 horas, no Teatro Waldemar Henrique. Os ingressos custam 300 cruzeiros reais”<sup>21</sup> e “‘*Morfeus*’ mostra seu primeiro disco. Não é sempre que um disco de *Rock* cai nas graças da crítica especializada. Ainda mais se se trata de uma banda saída de um centro distante, como a *Amazônia*. Mas a banda *Morfeus* foi

---

<sup>17</sup> Desde o final dos anos 70, passando por toda a década de 80 até chegar nos quatro primeiros anos da década de 90 (1990, 1991, 1992 e 1993), os *shows* de bandas paraenses de *Heavy Metal* sempre foram feitos por praticantes membros delas. Em alguns momentos, surgiram pessoas de dentro do público *headbanger*, que passaram a se ligar com a banda e começaram a agir enquanto “empresários” de tais bandas. Guto Delgado com a banda *Stress* (ele foi radialista e apresentador do primeiro programa especializado em *Heavy Metal* a surgir em Belém, o “Metal Pesado”, que funcionava na Rádio Cidade Morena FM, na frequência 102.3, aos domingos, de seis às oito da noite), Jorge “Pezão” com a banda *Black Mass* (foi vocalista nas bandas Ceifador, Crepúsculo e *The Green Hell Angels*), Américo “D.R.I.” Leitão com a banda *Morfeus* (foi guitarrista na banda *Terrorist*), Márcio “Kalango” Matos com a banda *DNA* (escrevia o fanzine “*Crossoverzine*” e foi colaborador do fanzine “*Claustrofobiazine*”) e Sérgio “Harris” Fernandes com a banda *Retaliatory* (escreveu fanzines e foi baixista na banda *Black Mass*, por um breve período). No caso de Márcio “Kalango” Matos, já no início dos anos 90, existiu uma parceria com Mauro “Gordo” Seabra baterista da banda *DNA*, que resultou na criação da “*Diversions Produções Culturais*”, primeira produtora legalizada e especializada em *Heavy Metal* e *Rock* a surgir no cenário *underground* local de “música pesada”. Promoveu vários *shows* locais e trouxe as bandas *Megahertz* (PI), *Ratos de Porão* (SP) e *Volkana* (DF) para se apresentarem em Belém.

<sup>18</sup> Jornal O Liberal, 7/05/1993, Caderno Dia-A-Dia, p. 6. Belém – PA.

<sup>19</sup> Jornal Diário do Pará, 28/08/1993, Caderno D, p. 5. Belém – PA.

<sup>20</sup> Jornal Diário do Pará, 10/12/1993, Caderno D, Seção de Shows de Carlos Queiroz, p. 4. Belém – PA.

<sup>21</sup> Jornal O Liberal, 16/12/1993, Caderno Dia-A-Dia, p. 7. Belém – PA.

saudada com entusiasmo pelo lançamento de seu primeiro disco, “*Disbelieved World*” (*Whiplash Records*)”.<sup>22</sup>

A partir de junho de 1993 e 1994, outras informações sobre eventos de *Heavy Metal* apareceram, já falando de bares, boates, parques e escolas de música (espaços privados), muitos localizados em áreas periféricas da RMB, recebendo shows de “música pesada”, produzidos e realizados pelos músicos e *headbangers* “produtores” das bandas. Equipamentos de som e iluminação, mais o deslocamento deles e as bandas, além da segurança, pagamento de aluguéis dos locais e divisão de lucros oriundos da bilheteria, tornaram-se suas responsabilidades. E, finalmente, apareceram produtoras privadas, tendo à frente pessoas simpatizantes do *Heavy Metal* como Ná Figueredo, que iniciaram produções de *shows* locais e nacionais. Essas características tiveram sua conformação final no biênio 1995-1996.

As informações são as seguintes: “Noite do Roqueiro. Dose tripla de *rock* nesta sexta, às 22:00hs, no Parque dos Igarapés. É a ‘Noite do Roqueiro Ressuscitado’, que vai trazer a banda *DNA*, formada por Bruno (voz), Sidney (baixo), Day (bateria) e Alexandre (guitarra)”<sup>23</sup>, “*Rock Olê Olá*. A Tao – Academia de Música, promove dia 23, quarta-feira, às 21:00h, no Olê Olá, o primeiro *show* das bandas que estudam na escola. O evento reúne o *Pink Floyd Cover*, *Endless* e *DNA*, que apresentarão *show* completo”<sup>24</sup>, “A banda D em D (Distrito em Detonação) promove uma noite cheia de *rock*, com as bandas: *Morlock* e *Detroit*, no *Drinks Club*, final da linha do ônibus Distrito Industrial, em Ananindeua, a partir das 20 horas”<sup>25</sup>, “Para os que curtem o *rock* paraense. Os fãs do *rock* podem assistir a parte 2 da ‘Noite do roqueiro ressuscitado’, evento promovido pela *Metal Rose* Produções. Este ano, só *Pink Floyd Cover* e *Jolly Joker* estão na onda”<sup>26</sup>, “Som da *DNA* para pernambucano ouvir. Na maré braba da falta de espaço para *shows*, as bandas de *rock* têm mesmo de cantar em outras freguesias. Como vai fazer a *DNA*, em Recife, neste final de semana”<sup>27</sup>, “Com o objetivo de reabrir o espaço para o *rock* paraense, ocorrerá, a partir das 18 horas de hoje às 6 horas de amanhã, o Dinossauros *Rock Festival*, *Jolly Jocker*, *DNA*, *Violetha Púrpura*, *Retaliatory*, *Insolência Pública*, *Tribo*, *The Green Hell Angels*, *Morganas*, *Delinquentes*, *Nó Cego*, *Blood* e

---

<sup>22</sup> Jornal O Liberal, 18/12/1993, Caderno Dia-A-Dia, p. 5. Belém – PA.

<sup>23</sup> Jornal Diário do Pará, 4/06/1993, Caderno D, Coluna de Bernardino Santos, p. 3. Belém – PA.

<sup>24</sup> Jornal Diário do Pará, 19/06/1993, Caderno D, Coluna Dicas, p. 6. Belém – PA.

<sup>25</sup> Jornal O Liberal, 27/08/1993, Caderno Dia-a-Dia, Seção Variedades, Coluna Panorama de Luzia Miranda Álvares, p. 6. Belém – PA.

<sup>26</sup> Jornal O Liberal, 2/10/1993, Caderno Dia-a-Dia, Seção Variedades, p. 7. Belém – PA.

<sup>27</sup> Jornal O Liberal, 18/11/1993, Caderno Dia-a-Dia, Seção Social, p. 5. Belém – PA.

*Dash* são as doze bandas de *rock* que vão esquentar a galera na boite Dinossauros”<sup>28</sup> e “*Rock'in rola*’ será levado todos os domingos, às 18 horas, no teatro, com preços populares”.<sup>29</sup>

Os anos de 1995 e 1996 estabeleceram de uma vez, as tendências da nova cartografia do *Heavy Metal* paraense na RMB, originada após o 3º *Rock 24 Horas* e elencada inicialmente entre maio de 1993 e o ano de 1994. Tendências essas mencionadas à pouco.

Algumas matérias do jornal O Liberal, atestaram a recém-criada situação espacial da “música pesada” na capital paraense: “*Viper* leva o melhor do *rock*. É o que banda *Viper* promete ao público de Belém, hoje, em apresentação única na *Spectron*”<sup>30</sup>, “O palco é cercado pela mata e os feiticeiros da pajelança são as bandas Dorsal Atlântica, *Stress* e *Jolly Joker*, que se apresentam apenas hoje à noite no Parque dos Igarapés”<sup>31</sup>, “... o projeto *Highway to Rock*, da boate *Rhyno's*, apresenta as bandas paraenses *DNA* e *Iron Maiden Cover*”<sup>32</sup>.

De acordo com as fontes pesquisadas (jornais O Liberal, Diário do Pará e A Província do Pará), elas apontam para a distribuição de *shows* de *Heavy Metal* na RMB, por mês e ano, entre 1994 e 1996. Dentre os meses e os anos, os que se destacam, são janeiro, março, abril, junho e agosto de 1994 e 1996. Os outros meses são fevereiro, maio e dezembro. Julho, setembro, outubro e novembro não tiveram nenhum registro de *show* de *Heavy Metal* (SILVA, 2014: 140).

Janeiro de 1996 com apenas 3 *shows* e nos outros meses dos anos de 1994 e 1995, não foram registrados *shows*. Março de 1994 e 1996 com 5 e 3 *shows*, menos 1995. Abril apresentou os números de *shows* por ano, mais equilibrados, girando em torno de 6, 2 e 6 para 1994, 1995 e 1996, respectivamente. Junho mostrou apenas *shows* metálicos nos anos de 1995 e 1996, com 5 e 2. Enfim, agosto, mostrou a força de 1996, com 8 e, somente, 1 para o ano de 1995. Nesse mesmo mês, o ano de 1994, não registrou *show* de *Heavy Metal* na RMB (SILVA, 2014: 140).

Fevereiro para todos os anos (1994, 1995 e 1996) registrou 1 *show*. Maio apenas 2 para os anos de 1994 e 1996, sem o ano 1995 e, Dezembro 4 *shows* para o ano de 1995. Setembro, outubro e novembro do período 1994-1996, passaram sem presenciar um *show* de *Heavy Metal* (SILVA, 2014: 140)

<sup>28</sup> Jornal O Liberal, 26/03/1994, Caderno Dia-a-Dia, Seção Variedades, p. 7. Belém – PA.

<sup>29</sup> Jornal O Liberal, Caderno Dia-a-Dia, Seção Variedades, 16/04/1994, p. 6. Belém – PA.

<sup>30</sup> Jornal O Liberal, 7/04/1995, Caderno Atualidades, p. 1. Belém – PA.

<sup>31</sup> Jornal O Liberal, 22/12/1995, Caderno Cartaz, Seção Variedades, p. 2. Belém – PA.

<sup>32</sup> Jornal O Liberal, 9/02/1996, Caderno Cartaz, p. 3. Belém – PA.

Esse quadro de informativos sobre *shows* de *Heavy Metal*, presentes nos periódicos e, contagens desses eventos convertidas em gráficos, adquiridas a partir dos jornais, expuseram para nós outro tipo de fluxo de *headbangers* pela urbe belenense e, um circuito metálico *underground* paraense diferente, ao mesmo tempo com frequência de *shows* diminuída e espaços novos sem laços identitários com o *Heavy Metal* local, e, espraiamento e ampliação desse gênero musical para localidades urbanas, até então desconhecidas e estranhas, para ele próprio e, muitos *headbangers* que apenas o conheciam quando de suas idas aos logradouros públicos do circuito metálico 1990-1993 (SILVA, 2014:136).<sup>33</sup>

### **Memória e Identidade: *Headbangers* e a Cidade**

De que forma, o momento de reorganização espacial do *Heavy Metal* paraense (o pós-3º *Rock 24 Horas*), foi caracterizado nas memórias dos *headbangers* que viviam na urbe belenense? Quais foram os aspectos que moldaram tais percepções sobre o 3º *Rock 24 Horas*?

Joelcio Graim, Marlos Pereira e Felipe “Disgrace” Carvalho, *headbanger* que também frequentou o repertório de *shows* do circuito metálico local 1990-1993, responderam, sobre suas lembranças acerca da movimentação *headbanger* e *Heavy Metal* pela cidade de Belém, já entre 1993 e 1996. Dizeres esses, concentrados na Praça da República e TEWH, territórios nos quais, essas movimentações foram singulares (1990-1993) e, em seguida, alteradas (1993-1996).

Eles colocaram que “muita gente não saía da Praça da República por nada, porque ali era o nosso centro. Então, ali, ninguém mexia”<sup>34</sup>, “Realmente, foi um palco mesmo, porque foi aí que, teve uma condição de se tocar música, que os outros lugares que ia tocar, o som não prestava, era muito ruim, o local era precário, né?”<sup>35</sup> e “é muito necessário que você

---

<sup>33</sup> As contagens dos *shows* de *Heavy Metal* ocorridos entre 1993 e 1996 na RMB, foram retiradas dos Gráficos 3 e 4 (“Quantitativo de *shows* de *Heavy Metal*, realizados na Região Metropolitana de Belém, entre 1994 e 1996” e “Distribuição dos *shows* de *Heavy Metal*, realizados na Região Metropolitana de Belém (RMB), por mês e ano (1994-1996)”, respectivamente), presentes no 1º Capítulo da minha Dissertação de Mestrado. Todos os dados presentes em tais gráficos foram retirados das contagens de *shows* registradas nos jornais O Liberal, Diário do Pará e A Província do Pará. A montagem dos gráficos também seguiu o mesmo raciocínio. Esses mesmos gráficos estão no Anexo I deste artigo.

<sup>34</sup> Entrevista concedida por Joelcio Graim a SILVA, Bernard Arthur Silva da, nos dias 23 de março e 27 de maio de 2012.

<sup>35</sup> Entrevista concedida por Marlos Pereira a SILVA, Bernard Athur Silva da, no dia 28 de março de 2009.

tenha, logradouros fixos, independente de ser público, pode ser privado. Mas, que tenha uma referência, um local de referência. Isso é muito bom, até pra agregar essa tribo urbana”.<sup>36</sup>

Ficaram claras as declarações deles e de outros, sobre o fim do 3º *Rock 24 Horas*. Eles também elaboraram seus pontos de vista, sobre o pós-3º *Rock 24 Horas* (1993-1996) e de quais maneiras, nesse intervalo, foram definidos os espaços do circuito metálico paraense, a sociabilidade metálica e a identidade *headbanger*.

Joelcio Graim, talvez tenha sido o mais analítico sobre esse ponto, ao discorrer, mencionando ter “visto com bons olhos” *shows* de *Heavy Metal* tomando lugar em “casas de *shows*” privadas, por serem “famosas na época”, todavia, nelas o “público era pequeno”, porque a “a ‘bangarada’ não se sentia bem”.<sup>37</sup> A “estrutura deles era toda pra som mecânico”, a segurança foi contratada e “teve que aumentar, nesses locais que a gente tocava”, começou a “se cobrar os ingressos” e os *headbangers* não conheciam ninguém na entrada do *show* e nem o dono do estabelecimento, para poderem ter uma entrada mais facilitada e praticamente de graça.<sup>38</sup> Junto ao fato, da diminuição seguida de pausa, de *shows* de *Heavy Metal* nos locais do circuito 1990-1993, dentre eles o TEWH, o mais requisitado de todos, naquele momento.

Segundo Abda de Souza Medeiros (2008:13-14), em concordância com Bresciani, é imperativo “tomar a cidade como espaço das práticas culturais”, evocadoras de “formas de sociabilidade, modalidades de lazer e entretenimento, além das diferentes formas de cultos e festejos”, inclusive as formas da cultura do *Heavy Metal*, que sempre estiveram pulsantes em Belém, desde sua primeira fase de construção, na metade dos anos 70, transitando pelos 80 até chegar em 1993.

Visto as falas dos entrevistados até aqui, sobre o que o 3º *Rock 24 Horas* proporcionou para o mapa de *Heavy Metal* da RMB, entre 1993 e 1996, têm-se a impressão, que tal cultura foi ficando tão inexpressiva na cidade, chegando ao ponto de desaparecer. Como bem colocou Felipe “Disgrace” Carvalho, dizendo que “Belém perdeu tudo isso”.<sup>39</sup>

Michael Pollak (1992:2), no que diz respeito à memória, mencionou que ela “parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa”, mais também,

---

<sup>36</sup> Entrevista concedida por Felipe “Disgrace” Carvalho a SILVA, Bernard Arthur Silva da, nos dias 7 e 28 de abril e, 3 de junho de 2012.

<sup>37</sup> Entrevista concedida por Joelcio Graim a SILVA, Bernard Arthur Silva da, nos dias 23 de março e 27 de maio de 2012.

<sup>38</sup> Idem.

<sup>39</sup> Entrevista concedida por Felipe “Disgrace” Carvalho a SILVA, Bernard Arthur Silva da, nos dias 7 e 28 de abril e 3 de junho de 2012.

“sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”.

Jacques Le Goff (1996:426) alertou para uma situação, na qual, no desenvolvimento da memória de cada grupo de pessoas, sente-se a presença de conflitos, disputas, em torno das maneiras de lembrar o passado. Caracterizando-se uma “forma importante na luta das forças sociais pelo poder”, pela hegemonia no presente. O *Rock* paraense, incluindo o *Heavy Metal*, teve atritos em torno das maneiras de lembrá-lo, no pós-3º *Rock 24 Horas*. Os “esquecimentos e os silêncios da história” desse acontecimento roqueiro local, “são reveladores desses mecanismos de manipulação” da sua memória coletiva. Esses por sua vez, conectados com, “o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura”, influenciam no “propósito da recordação” e “propósito do esquecimento”.

De fato, o que existe, é um embate entre grupos diferentes de *headbangers*, em torno das reminiscências do famoso festival e da espacialidade do *Heavy Metal* na RMB (1993-1996). A “memória é seletiva” e conveniente, ao indivíduo ou grupo, que se envereda pelos caminhos da construção identitária. Por sua vez, trilhos permeados de conflitos e negociações. Portanto, tal enfrentamento tem como disputa a “maneira certa” de recordar os “marcos invariantes, imutáveis” da História do *Heavy Metal* paraense. Marcos esses, importantes em termos econômicos, políticos, sociais e culturais para os grupos de *headbangers* da capital (POLLAK, 1992:2-5).

Dito desta maneira, quando um dos grupos de *headbangers* tem o domínio das recordações sobre a História do *Heavy Metal* local, ele controlará “as produções de sentido da cena local” e o sentimento de pertença de todos os *headbangers*. E, ao protagonizar essa atitude, ganhará admiração, prestígio e poder, perante seus pares, como “verdadeiros guardiões”, “conhecedores” da verdade sobre a música pesada paraense (CAMPOY, 2008:81-83; JANOTTI JÚNIOR, 2004:61).

O grupo englobado por Mauro “Gordo” Seabra, Marlos Pereira e, outros como Sidney K.C. (baixista na *DNA* e *Jolly Joker*) e Joe Ferry (baixista e guitarrista na banda de *Death/Thrash Metal Black Mass*), era formado por *headbangers* que atuavam no circuito e mundo metálico da RMB, desde a metade dos anos 80, eram os mais antigos, moldaram os circuitos 1986-1989 e 1990-1993 e detinham as melhores referências em termos de bandas e álbuns a serem escutados para quem estava adentrando na cultura do *Heavy Metal* local. Eles podiam ser chamados, utilizando as reflexões de Norbert Elias e John Scotson, de *headbangers* “estabelecidos” (ELIAS; SCOTSON:40-41).

O outro conjunto de *headbangers* tinha em seu elenco, aqueles que passaram a conhecer o *Heavy Metal* produzido na cidade, somente a partir de 1990. Momento que ele, já estava bem disposto e, visível no centro da capital. Eram mais novos, não ajudaram a construir a presença do *Heavy Metal* na cidade e ainda não eram detentores do mesmo conhecimento sobre o *Heavy Metal* que os *headbangers* “estabelecidos” já possuíam. A eles damos a denominação de *headbangers* “outsiders”.

Por isso que, para os primeiros, o 3º *Rock 24 Horas*, praticamente “acabou” com o *Heavy Metal* em Belém e os espaços se fecharam “por completo”. Nem mesmo a espacialidade e os deslocamentos de *headbangers*, recém – surgidos desse episódio, foram considerados em suas reflexões. O que acabou foi, a memória que eles ergueram, ao longo de anos e, que estava sendo reconhecida, até a ocorrência desse evento. Conclui-se, na visão deles, não poderia existir outra percepção do passado, ou até mesmo do futuro urgente, surgido imediatamente ao fim do 3º *Rock 24 Horas*, do *Heavy Metal* paraense. E, se tivesse que existir, seria com os olhares e critérios dos *headbangers* “estabelecidos”.

Enquanto que, para os segundos, o pós-3º *Rock 24 Horas*, abriu novos espaços para a prática do *Heavy Metal*, em distritos, municípios e bairros que, simultaneamente, pertenciam e não faziam parte da RMB, levando a música pesada e sua cultura, a locais que não as conheciam. Para os *headbangers* moradores dessas localidades, que se direcionavam para o centro da cidade visando participar do circuito metálico pré-3º *Rock 34 Horas* (1990-1993), barateava os custos dos seus transportes, alimentação, consumo de bebidas alcoólicas e não alcoólicas e, possivelmente, a segurança, por serem residentes em seus bairros e saberem a manutenção da distância de pontos perigosos.

As “bandas tiveram que amadurecer, a correr atrás dos espaços”<sup>40</sup>, demonstrando mais autonomia, liberdade e controle para divulgar a música *Heavy Metal*, sem a periodicidade diária e estrutura (som, iluminação, palco, camarins, bilheteria, segurança) do TEWH. Passaram a arcar com todas essas questões nos eventos posteriores ao 3º *Rock 24 Horas*. A criação de mais produtoras especializadas em *Heavy Metal*, a continuação de lançamentos de *demo-tapes*, álbuns em formato de vinil e *shows*, podem ser considerados exemplos dessa nova atitude sobre a memória do *Heavy Metal* local, instantaneamente erigida no pós-3º *Rock 24 Horas*.

---

<sup>40</sup> Entrevista concedida por Joelcio Graim a SILVA, Bernard Arthur Silva da, nos dias 23 de março e 27 de maio de 2012.

Mas, os *headbangers* “outsiders” não deixam de frisar que a falta de identificação com essas novas áreas devido elas serem comuns ao *Axé Music*, *Reggae*, Brega e Pagode, de estrutura, ingressos mais caros, deslocamentos maiores para se chegar a elas, mais gastos com transporte público, alimentação, consumo de bebidas e receio pela segurança, devido às gangues de rua e os “carecas”, inibiu o comparecimento de grande parte dos *headbangers* aos eventos (SILVA, 2010: 583-631; SOUZA, 1997:88-113).<sup>41</sup>

Resultando, claramente, em um enfraquecimento notório da sociabilidade metálica e identidade *headbanger*, outrora fortalecidas nos espaços do circuito metálico paraense de 1990-1993. Para todos os *headbangers* da capital, tais espaços, principalmente, a Praça da República e o TEWH, eram seus os principais esteios da sua coesão grupal e reforço do sentimento de pertença. Afinal, as bandas e os *headbangers*, nas suas andanças pela cidade, ao chegar o ano de 1990, estabeleceram e dominaram, em grande número, as pautas do teatro e, consagraram a Praça da República, enquanto “ponto de encontro” mor dos adeptos do *Heavy Metal* paraense.

Ter outras áreas, se candidatando a ocuparem suas funções, prejudicou a publicização das dimensões do *Heavy Metal* e práticas sociais dos *headbangers* na RMB, gerando uma interação social muito pequena no pós-3º *Rock 24 Horas*. Nas localidades centrais da capital, sobretudo o teatro e a praça, estavam suas memórias, suas Histórias. Nos outros locais que estavam aparecendo, não existia nada disso.

Não existiam pelo menos, os vestígios da música pesada local que os *headbangers* “estabelecidos” acreditavam e consideravam serem importantes, igualmente geradores de significados, para a memória *headbanger* e pertencimento ao tecido urbano de Belém.

Os *headbangers* “outsiders”, todavia, mantiveram olhares esperançosos quanto ao novo mapa de *Heavy Metal* que estava se apresentando na RMB, diante deles. Tão otimistas

---

<sup>41</sup> A socióloga Izabela Jatene de Souza catalogou, durante sua pesquisa de mestrado, entre os anos de 1994 e 1997, em torno de 122 gangues, atuantes na Região Metropolitana de Belém (RMB), constituída, à época de Belém, Ananindeua e Marituba. Parece que, a grande maioria era composta por pichadores. Entre elas, estava presente a Gangue do Terror, oriunda do bairro da Pedreira, afastado do centro da capital paraense, era composta. Todavia, segundo a autora, todas as gangues de Belém promoviam a “RÉU” (reunião de seus membros), durante a semana, a partir de quarta-feira, sempre à noite na Praça da República, sendo que, dentro desse intervalo, cada uma escolhia um dia específico para sua reunião. Logo depois, da RÉU, os seus membros se dispersam pela cidade, frequentando boate e danceterias, como *Spectron*, *Círculo Militar*, *Company B*, *Dance Night*, *Balanço Da Tuna* e, nesse trajeto, ao qual chamam de “descida”, acabam realizando “arrastões”. Neles, praticam assaltos, ato de violência contra gangues rivais que encontram no caminho e barulho. Os “carecas”, indivíduos defensores dos princípios nacionalistas e, não racistas. Em muitos momentos foram acusados de serem neonazistas. Exemplos desses embates foram as duas últimas edições do *Rock 24 Horas* e um show da *Morfeus* no TEWH. Ver: Jornal “O Liberal”, 16/05/1993, Caderno Dia-a-Dia, p. 1. Belém-PA.

que, Joelcio Graim da *Mitra* e a *Zênite*, foram bandas que não se negaram a frequentar, construir e atuar no circuito metálico de 1993-1996.

### Considerações Finais

Os headbangers, dessa forma, expuseram uma nova e “inusitada cartografia da cidade”, formando “práticas de sociabilidade e de produção de valores culturais” diferentes, procurando uma “inscrição espacial como marca central na definição e na construção das identidades” e “uma forma de instituição de um lugar social”, com pretensões de “ganhar visibilidade e expressar para o ‘mundo oficial’ sua condição de inexistência”, tão latente nessa urbe belenense plural (DIÓGENES, 1999:170-173).

### REFERÊNCIAS

- BECKER, Howard Saul. *Mundos da Arte*. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.
- BRESCIANI, Maria Stella. Cidade e História. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). *Cidade: História e Desafios*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- CAMPOY, Leonardo Carbonieri. *Trevas Na Cidade: O Underground do Metal Extremo no Brasil*. 2008. Dissertação de Mestrado. PPG em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- DIÓGENES, Glória. Grupos Identitários e Fragmentação Social: A Violência Como “Marca”. In: SANTOS, José Vicente Tavares dos (Org.). *Violências Em Tempo De Globalização*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e Os Outsiders: Sociologia Das Relações De Poder a Partir De Uma Pequena Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.
- FARIA, Leonardo I.G. O 3º Festival De *Rock 24 Horas* e Sua Representação No Imaginário Roqueiro Em Belém (1992-1995). 2006. Monografia de Graduação em História. Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.
- JÚNIOR, Jeder Janotti Silveira. *Heavy Metal Com Dendê: Rock Pesado Em Tempos De Globalização*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2004.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996.
- MACHADO, Ismael. *Decibéis sob Mangueiras: Belém No Cenário Rock Brasil Dos Anos 80*. Belém: Editora Grafnorite, 2004.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de. (Orgs.). *Jovens Na Metrópole: Etnografias de Circuitos de Lazer, Encontro e Sociabilidade*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

MEDEIROS, Abda de Souza. *Cosmologias Do Rock Em Fortaleza*. 2008. Dissertação de Mestrado. PPG em Sociologia (Concentração em Antropologia), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

SILVA, Bernard Arthur Silva da. *Metal City: Apontamentos Sobre a História do Heavy Metal Produzido em Belém do Pará (1982-1993)*. 2010. Monografia de Graduação em História. Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

SILVA, Bernard Arthur Silva da. *Mundo Metálico Belenense e Política Cultural: Declínio e Reorganização Do Heavy Metal Paraense (1993-1996)*. 2014. Dissertação de Mestrado. PPG em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

SOUZA, Izabela Jatene de. *“Tribos Urbanas” Em Belém: Drag Queens – Rainhas Ou Dragões?* Dissertação de Mestrado (Antropologia Social). Universidade Federal do Pará. Belém, 1997.

VASCONCELLOS, Victor Maurício Barbosa de. *A Geografia do Subterrâneo: Um Estudo sobre a Espacialidade das Cenas de Heavy Metal no Brasil*. 2012. Dissertação de Mestrado. PPG em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

WEINSTEIN, Deena. *Heavy Metal: The Music And Its Culture*. New York: Da Capo Press, 2000.

